

TESTEMUNHO E FICÇÃO. A OBRA DE IRÈNE NÉMIROVSKY

Cristiana OLIVO

RESUMO: O presente projeto de pesquisa vem propor um estudo sobre a obra da escritora ucraniana Irène Némirovsky, a partir dos fundamentos da Teoria do Testemunho e da Teoria e História da Memória. Némirovsky escreveu não apenas romances. Seus textos formam uma espécie de autobiografia romanceada que traz um importante testemunho do seu tempo e da sua condição, contado através de suas personagens.

RÉSUMÉ: Sous le nom de « Irène Némirovsky, Mémoire de l'étranger », ce projet de recherche propose une étude de l'oeuvre de la femme écrivain ukrainienne, en partant des bases des théories du témoignage et de l'histoire de la mémoire. Némirovsky n'a guère écrit que des romans. Ses textes forment un genre d'autobiographie romancée -racontée moyennant ses personnages- qui apporte un témoignage important, et de son temps et de sa condition.

O ano em que Irène nasceu (1903) é lembrado como o ano do primeiro pogrom de Kishinev. Esta cidade, capital da atual República da Moldávia, conheceu três dias de pilhagem, destruição e assassinatos, a partir do dia seis de fevereiro – um dia após a Páscoa – sem que a polícia local movesse um único soldado para socorrer os quase 50 judeus mortos e os outros 500 feridos, crianças, homens e mulheres. Sabe-se que boa parte dos pogroms na Rússia foi organizada ou apoiada pela *Okhrana*, a polícia secreta do país.

Tanto os pogroms quanto o período entre as duas grandes guerras e, sobretudo, os da ascensão de Hitler ao poder, que ao mesmo tempo preparam a Segunda Guerra e difundem na Europa a nova ordem da intolerância, são retratados em todos os romances da escritora. Sua vida e sua experiência misturam-se à vida das personagens que cria para dizer não apenas da sua condição de judia e da perseguição aos judeus nas primeiras décadas do século XX, mas da sua condição também de estrangeira. A perseguição a esses “estranhos” que, fossem eles judeus, poloneses, comunistas, deficientes ou homossexuais, culminaria com o Holocausto.

A autora, a não ser em suas correspondências, nunca escreveu um livro no qual contasse como ela, Irène, viveu, primeiro, o abandono pela mãe – que lhe impôs inclusive uma negação da língua materna, a ela dirigindo-se sempre em francês e não em russo –, depois a ameaça do pogrom, as sucessivas fugas, a vida de exilada na França, a perseguição e finalmente a captura pelos nazistas. No entanto Ada, personagem de *Les Chiens et Les Loups*,

[...] que tinha oito anos, jamais os tinha visto, mas, como se sabe que existe a morte, ela sabia que havia dois perigos que não ameaçavam o resto da humanidade, mas que estavam dirigidos especialmente contra os habitantes desta cidade, deste bairro; ambos podiam cair sobre ela a qualquer momento, mas eles também poderiam poupá-la : esta margem de incerteza era suficiente para tranquilizá-la. Esses perigos eram o pogrom e o cólera. [Némirovsky 1938:59]

Nesse romance de 1938, Némirovsky conta a história de Ada e Harry, duplo de

uma mesma pessoa, espelho da autora. Enquanto Ada representava a arte, a sensibilidade, Harry era a figura do imigrante judeu russo, filho de banqueiro (como o era Irène), a consciência do estrangeiro, a imagem da resignação para a adaptar-se à terra nova. O encontro entre os dois lados se dá por um quadro pintado por Ada que mostra o enterro de um homem judeu num vilarejo ucraniano. Harry fica encantado pelo desenho, que naquele momento só ele, como ela, poderia compreender. Ambos estavam ligados pela mesma condição, pelo mesmo céu cinzento da cidade onde nasceram. Ora por Ada, ora por Harry, Irène revive sua própria história e a de milhares de famílias judias que deixaram a Rússia entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX.

Segundo Roger Pouivet

Acreditar naquilo que nos dizem, acreditar na base de um testemunho, não é um simples paliativo epistemológico limitado [...] como bem pensam os filósofos modernos. É uma das características fundamentais da nossa vida intelectual e moral, dessas nas quais se reconhece a natureza humana. [POUIVET 2006:167]

Numa obra que mistura o testemunho histórico e o testemunho íntimo, como o é a obra de Némirovsky, o que fica para as gerações posteriores é a experiência vivida mas também a experiência sentida. Os textos testemunhais “contam” experiências que foram partilhadas com outros homens, alguns companheiros de comboio, muitos de alojamento, a de milhares nos campos, milhões nas câmaras de gás. Mas conta também a experiência solitária de cada um. Mais do que qualquer imagem possa revelar, o texto – e nesse caso o texto literário – tem o poder de pinçar os detalhes do presente e do passado, do que se vê e se vive no momento e de tudo o que isso representa dentro da história de uma vida ou de uma nação. O que Irène retrata por Ada-Harry nada mais é do que sua própria história e a história daqueles que viviam ao seu redor. Nesse ponto, sua obra é testemunho do testemunho, do que viveu e sentiu e do que o outro, o seu igual, *contou* que viveu e sentiu. Mas o texto fica. Registra as cenas do início do século XX, o século que conheceu as maiores atrocidades que o homem dirigiu ao homem.

Poliakov, em suas “*Memórias*”, definiu ironicamente a dificuldade de todos os que tentaram e tentam contar, explicar, lançar luz sobre os conflitos nos quais a barbárie tornou-se a ordem do dia, dizendo que “ignorava que não se exorciza um mal milenar com o aparato de uma argumentação racional” (POLIAKOV 1981:185). Num longo estudo a propósito das causas das perseguições aos judeus que abrange quase sete séculos, *La Causalité Diabolique*, o historiador mostra que se criou um mito na Alemanha pós Primeira Guerra, de que foram os judeus os responsáveis pela derrota do até então invencível exército alemão. “A onda anti-semita que explodiu na Alemanha depois da guerra foi assim tão longa e violenta, simplesmente porque, após uma guerra perdida, era necessário encontrar um bode expiatório” (POLIAKOV 2006). Poliakov não busca justificativas para o mais horripilante crime contra a humanidade no qual se tornou o Holocausto, mas sim uma tentativa racional de mostrar até que ponto questões e diferenças que, normalmente, são consideradas pertinentes, compreensíveis e, em certa medida, solucionáveis, podem ser geradoras de uma aberração como o foi a Shoah.

Nos manuscritos do projeto de *Suíte Francesa* Irène fala mais uma vez através de sua ficção, numa reflexão que vai no mesmo sentido daquela do bode expiatório de Poliakov, e que mostra o sentimento do homem que se vê usado e totalmente apartado de todos os seus direitos como ser humano. Durante a perseguição nazista, em 1941, ela

encontrava-se, com o marido e as duas filhas, escondida em Issy-l'Évêque e assim registrou em seu caderno de notas para *Suite Française*:

Querem nos fazer crer que estamos numa era comunitária, em que o indivíduo deve morrer para que a sociedade viva, e não queremos ver que é a sociedade que morre para que os tiranos vivam. [...] Não me importo de morrer, mas [...] pretendo compreender por que eu morro, e eu, Jean-Marie Michaud, morro por Philippe Henriot e Pierre Laval e por outros senhores, como um frango que é degolado para ser servido à mesa desses traidores. E mantenho que o frango vale mais do que aqueles que o comerão. [NÉMIROVSKY 2006:480]

Irène coloca no mesmo espaço Jean-Marie Michaud, personagem de seu romance e Philippe Henriot e Pierre Laval, personagens da história verídica da Segunda Guerra, respectivamente o deputado da Gironda e eficaz propagandista do regime de Vichy, e Laval, o presidente desse governo em 1944.

Mas até onde chega o testemunho de Némirovsky? Quando falamos de testemunho íntimo, o que estamos querendo dizer exatamente? Aqui entra o segundo principal objetivo da pesquisa que ora apresentamos. Na verdade não se trata de um objetivo secundário, de um ponto outro a ser levantado. Trata-se de uma questão que vem encadeada no testemunho, atrelada a ele. Uma questão que norteia e segue ao mesmo tempo todas as linhas de toda a obra da escritora. Essa questão é a da condição do *estrangeiro*.

Irène conheceu bem cedo essa condição. Ela não recebeu os cuidados e as atenções da mãe que, rapidamente, colocou a filha única aos cuidados de uma ama-de-leite e mais tarde de uma governanta. O pai, um grande banqueiro, viajava constantemente e, quando lhe sobrava algum tempo, devotava-o à mulher. Foram os livros o primeiro *lugar* no qual Irène se encontrou. A literatura poderia então aqui ser vista também como o *lugar do estrangeiro*, pois que no mundo “inventado”, com suas contradições, aberrações, desejos e fantasias, havia sempre *um lugar*.

Como lugar entendemos uma identidade e também uma forma de expressão. No olhar tanto da leitora quanto da escritora Irène Némirovsky, o seu *lugar* ia sendo construído dentro dos textos. Neles está registrada sua origem judia e a rejeição da mãe, a fuga para a Europa Ocidental e a solidão, as tentativas de nacionalizar-se francesa e os últimos dias de apreensão durante a guerra.

Irène esteve sempre, de certa maneira, em “outro lugar”, ou “fora de lugar”. O olhar do outro sobre ela e sua história a colocava no lugar do estranho, daquele que está encaixado, não está no rol. No olhar do outro que a vê como estrangeira, o estranho é onde ele a situa e faz habitar essa diferença, ou como escreveu Primo Levi, “O sentimento da nossa existência depende em boa parte do olhar que os outros lançam sobre nós: também podemos qualificar de não-humana a experiência de quem viveu dias nos quais o homem tornou-se um objeto aos olhos do homem” (LEVI 1970:140).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BERNSTEIN, Henry (1997). *Samson; Israël*. Paris: Éditions du Rocher.
BORY, Jean-Louis (1945). *Mon village à l'heure allemande*. Paris: Flammarion.
BOUNINE, Ivan (1999). *La Vie d'Arséniev. Jeunesse*. Traduzido do russo e anotado por Claire Hauchard ; prefácio de Jacques Cateau. Paris: Bartillat.
CURTIS, Jean-Louis (1947). *Les Forêts de la nuit*. Paris: Julliard.

- GILLOT-VOISIN, Jeanne (1996). *La Saône-et-Loire sous Hitler. Périls et Violences*. Préface de Lucie Aubrac. Mâcon: Fédération des Œuvres Laïques.
- GORODETZKY, Nadejda (1931). *Les Mains vides*. Préface de Alexandre Kouprine. Paris: Éditions Saint-Michel.
- GRASSET, Bernard (1929). *La Chose littéraire*. Paris: Gallimard.
- LEVI, Primo. *Si c'est un homme*. Paris: Minuit, 1970, p. 140.
- MALINOVITCH, Nadia (2006). "Littérature populaire et romans juifs dans la France des années 1920", in: *Archives juives. Revue d'histoire des Juifs de France*, n° 39/1, 1^{er} semestre, pp. 46-62.
- MANSFIELD, Katherine (2006). *Les Nouvelles*. Préface de Marie Desplechin. Paris: Stock.
- MAUROIS, André (1932). *Le Cercle de famille*. Paris: Bernard Grasset.
- MORAND, Paul (1922). "La Nuit de Putney", in: *Œuvres libres*, n° XV, septembre.
- _____. (1923). *Fermé la nuit*. Paris: NRF.
- _____. (1991). *Nouvelles complètes*, I. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, NRF.
- NÉMIROVSKY, Irène (1929). *David Golder*. Paris: Grasset.
- _____. (2000). *Dimanche et autres nouvelles*. Paris: Éditions Stock.
- _____. (1936). *Jézabel*. Paris: Albin Michel.
- _____. (1938). *La Proie*. Paris: Albin Michel.
- _____. (1930). *Le Bal*. Paris: Grasset.
- _____. (1935). *Le Vin de solitude*. Paris: Albin Michel.
- _____. (1940). *Les Chiens et les Loups*. Paris: Albin Michel.
- _____. (1931). *Les Mouches d'automne*. Paris: Grasset.
- _____. (2004). *Suite Française*. Paris: Denoël.
- _____. (2006). *Suite Française*. São Paulo: Companhia das Letras.
- POLIAKOV, Léon (1981). *L'Auberge des Musiciens. Mémoires*. Paris: Ed. Mazarine.
- _____. (1970). *La Causalité Diabolique*. Paris: Ed. Calmann-Lévy, Mémorial de la Shoah.
- POUIVET, Roger (2006). *Le Réalisme Esthétique*. Paris: PUF.